

Sesquicentenário de Röntgen

Marisa Campos Moraes Amato*

Physik. Institut
4. Univers. Würzburg.

Würzburg 27. IV. 96

Herrn Röntgen, geb. 27. II. 1845
München

Geliebter Herr!

Ihre Röhren sind in der That sehr gut,
aber für meine Verhältnisse zu klein; sie brauchen
bei der Arbeit nicht bloß die den Sekundärstrahlen
durch Verdrängen, mit wohl übersehener ein wenig
den vielen anderen Experimenten, die mehr die
Röhren ganz anders als in der normalen Weise
benutzen werden; die Fäden etc. sind die aber
zu Grunde gehen. Ich möchte mir deshalb die

Frage erlauben, ob Sie mir die Röhren mit den
M. 20 statt die M. 30 liefern könnten; auch
meine anderweitige Erfahrung dürfte dieser Art
schley wohl acceptabel sein. Es ist zu hoffen, daß
man einen Ausnahmefall handelt, und Ihnen viel
Leute. mit den Nachstellungen von meinen Seiten an-
gehenden die Röhren.

Falls Sie auf meine Formeln eingehen, bitte
ich Sie mir für die diese letzten erhaltenen
Röhren 4 andere gleicher Qualität, und diese
dieser kleinen und diese großen die schicken.

Hochachtungsvoll

Prof. W. C. Röntgen

O sesquicentenário de Röntgen comemorado este ano, leva-me a lembrar recente visita que fiz, à Siemens em Erlangen, na Francônia, Alemanha, na qualidade de bolsista da Fundação Alexander von Humboldt, onde tive a oportunidade de ver o original da carta do Prof. Röntgen dirigida àquela empresa na qual solicitava colaboração para suas pesquisas. A missiva tem, resumidamente, o seguinte teor: Seus tubos de Raio X são realmente muito bons, porém, demasiado caros para os recursos de que disponho. Desejo não só para os experimentos que já se têm realizado, como, é óbvio, também para muitos outros experimentos que venham possibilitar maior uso do que aqueles que os tubos

de Raios X têm tido atualmente. Indago da possibilidade de serem eles vendidos por 20 em vez de 30 marcos. Supondo que esta proposta seja aceita e considerando o fato de ser um caso excepcional, farei outros pedidos. No caso de os senhores aceitarem minha proposta, peço que sejam remetidos quatro da mesma qualidade, sendo dois pequenos e dois grandes. Está escrita a mão, em papel timbrado do Instituto de Física da Universidade de Würzburg, e vem assinada caligraficamente pelo Prof. Dr. W. C. Röntgen.

A reprodução do documento vai como homenagem ao descobridor dos Raios X e que por esse motivo recebeu o prêmio Nobel em 1901. Röntgen nasceu em Lennep, na Renânia, em 1845, e faleceu em Munique, na Baviera, em 1923.

Orpheu D'Agostini

Um dia, Calígula, um dos muitos loucos imperadores da velha Roma, quis elevar seu cavalo ao consulado. Montou-lhe uma casa magnífica, deu-lhe móveis e criados para receber esplendidamente a quem o vinha visitar, e, entre outras loucuras, fazia-o comer à sua mesa e ele próprio lhe servia cevada. E foi assim que Incitatus, o cavalo de Calígula, entrou para a História.

Alexandre Magno, rei da Macedônia, submeteu os gregos, venceu os exércitos persas de Dario, conquistou o Egito, tomou Babilônia, incendiou Persépolis e chegou até a Índia.

Bucéfalo era o seu cavalo predileto.

Não chame ninguém de cavalo

Ainda adolescente, Alexandre havia-o domado, fazendo-o galopar contra o sol, por ter notado que o animal tinha medo da própria sombra. Bucéfalo também entrou para a História.

Cervantes, o gênio espanhol da literatura, criou o admirável "Dom Quixote de la Mancha", obra prima do intelecto humano, satirizando as modas da cavalaria da Idade Média. O personagem principal é um fidalgo espanhol, o "Cavaleiro da Triste Figura", que despreza o bom senso trivial e comezinho, embora não destituído de finura, de seu fiel escudeiro Sancho Pança, e investe galhardamente contra pretensos inimigos, vendo dragões nos moinhos de vento, sempre exibindo nobreza e fidalguia.

Rocinante é o cavalo que carrega o fidalgo sonhador, que, a despeito de seus ridiculos, não inspira senão simpatia, tão ardente é a fé que o anima, tão nobres e generosos são os sentimentos de sua alma, tão alto é o ideal de justiça e de poesia, para que tendem sempre suas ações, mesmo as mais disparatadas.

O cavalo branco de Napoleão já entrou para o anedotário. O cavalo puro sangue inglês e o cavalo árabe exibem "pedigree" de linhagem. No esporte das corridas, apaixonando multidões, dando fama e "status" aos seus proprietários, tornam-se familiares os cavalos de nomes Mossoró, Sargento, Terruel, Albatroz, Heliaco, Farwell, El Aragonês, Gualicho.

* Marisa Campos Moraes Amato é a presidenta da Academia de Medicina de São Paulo.



Assim, graças à insânia de poderosos, à fama dos grandes conquistadores - que levaram dor, luto e sangue a milhões de pessoas -, ao humorista da anedota, à satisfação primitiva do espírito de luta do homem das cavernas, que o esporte representara, a História vai registrando os nomes mais bizarros deste mamífero doméstico, solípede, o "Equus caballus" da nomenclatura zoológica.

Mas também há o reverso da medalha; o poeta já disse que *Até com as flores, há a questão de sorte: umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte*. Quais os nomes dos cavalos, que, com sua força muscular, garantiram o sustento de milhões de pessoas? Quais os nomes dos que divertiram e satisfizeram as necessidades e as vaidades de seus donos? Garbosos em paradas, vistosos e admirados em picadeiros, eficientes na tração animal, quantos lhes guardaram os nomes, se é que os tinham?

Após tanto trabalho, tanto esforço, tanta dedicação - sempre com humildade, obediência e fidelidade - chega um dia que o corpo enfraquece, seus olhos já não enxergam como outrora, sua marcha é quase nada. Não serve para mais nada, dizem, é um peso morto, só come e bebe. É o herói cujo alimento sempre foi um pouco de feno e água, tem destino ignorado, por vezes cruel. Para muitos, sua missão benfiteira continua. Longe do bulício da cidade e das caminhadas pelas campinas e prados, vão ter às chácaras e fazendas ligadas à produção de produtos biológicos.

E lá, sem nome e apelido, apenas com um número para identificação, recebem cargas sucessivas de venenos de serpentes, de toxinas de germes virulentos, como as do tétano e da difteria. E seu sangue vai elaborar o soro, o remédio contra as picadas de cobras venenosas, vai impedir o aparecimento do tétano ou da difteria, vai salvar a vida de nossos filhos, e a nós próprios! São repetidamente estimulados com veneno, sangrando e, mesmo assim, continuam humildes, obedientes e amigos do homem.

Explodem de anemia, de rupturas do baço e do fígado, extinguem-se com o coração debilitado, intoxicado de veneno!

Há quase vinte anos, na hoje Chácara de nossa Syntex, em Taboão da Serra, precisamente no dia 26 de novembro de 1959, o cavalo produtor de sangue nº 32, morria por sangria piedosamente provocada. Recebera nos últimos dez anos de sua vida numerosas inoculações do veneno de cascavel e fora submetido a sangrias sucessivas. Uma ruptura do fígado apressara-lhe a morte.

De todos os milagres de cavalos que passaram pelo então Instituto Pinheiros, foi ele o que deu maior contribuição. Frios são os dados de seu registro: Número, 32; Idade, 16 anos e 7 meses; Peso, 570 quilos; Veneno de cascavel injetado, 57,384 g; Sangue fornecido, 2.234 litros. Essa quantidade fabulosa de sangue, um recorde mundial, permitiu a fabricação de 42.000 ampolas de soro anticrotálico, o que salvaria 8.400 pessoas picadas por cascavel.

Ele não tinha os pomposos nomes de Incitatus ou Rocinante. Era apenas um número 32. Não figura, como tantos outros, nos anais da História. Deve figurar, como devem figurar, também, seus irmãos de igual destino, no fundo de nossos corações, em nossas lembranças, como símbolos de humildade e desinteressados benfeitores da humanidade.

Por favor, nunca chamem alguém de Cavalo!

Emeroteca do Prof. Irany Novah Moraes
fonte: Signal 2-9, 1978

Não se apressem os mestres cultores da linguagem médica e "sentinelas" de seus neologismos, em me condenarem pelo uso de "Neuro-Reumatologia", termo misto, de confins pouco nítidos e, provavelmente, sem nosologia específica bem definida.

Na verdade, a Reumatologia, especificidade das mais recentes, dá vezo a tais termos, estuário que se tornou de nosologias antes cuidadas por co-irmãs mais tradicionais; assim, a ela acorreram as Artroses e "reumatismos deformantes", dos clínicos e ortopedistas, a Febre Reumática dos pediatras e cardiologistas, as "colagenoses" dos dermatologistas, anátomo-patologistas e imunologistas; e a "neuro-reumatologia" acolhe as neurites, nevralgias e outras manifestações "espondilogênicas" (como as chamo), as "artropatias neurogênicas", todas "cedidas" ou compartilhadas pela Neurologia.

De outra parte, nada há para perplexidades, antes a "universalidade" das afecções que a Reumatologia acolhe, decorrente, mesmo, da também universal localização, no mesenquima e conjuntivos.

Natural tornou-se, também, a identificação de "movimentos precursores", bem a serviço dos propósitos deste livro, de autores que, pela vez primeira ou precocemente, publicaram seus trabalhos sobre patologias da "futuro reumatologia", com o mérito da precedência e a visão de antecipar e tornar conhecidas, matérias ainda pouco divulgadas.

Em São Paulo, o Professor Enjolras Vampré merece, sem qualquer favor, ser consagrado como condutor do "movimento precursor" da "neuro-reumatologia", até mesmo por seu incontestado pioneirismo da "Neurologia Paulista", com incursões, suas e de seu grupo, em territórios a ser cuidados e compartilhados pela especialidade cunhada por Bernard Comroe, em 1934, nos Estados Unidos.

Aquele nordestino, mais um a vir à capital paulistana para trazer o concurso de sua inteligência, dedicação e amor ao trabalho e à Medicina, nasceu em Laranjeiras, Estado de Sergipe, a quatro de junho de 1885. Era filho do, também médico, Dr. Fabrício Carneiro Tupinambá Vampré e de Dona Mathilde de Andrade Vampré.

Ao saber de tal filiação, dei "tratos à bola" quanto ao "Tupinambá Vampré"; sabemos da história que aquela região nordestina foi "invadida" por "corsários" de várias origens, além do quê, após a expulsão dos holandeses pelos portugueses, na batalha de Guararapes, muitos "olhos azues" povoavam cidades e aldeias, daquelas plagas; assim, pensei, quem sabe algum "Vampré" não consorciou-se com alguma indígena ou descendente? Em meu socorro, para esclarecer-me tal dúvida, veio gentil nora do Dr. Enjolras, a Senhora Dona Gilda Vampré, viúva de um seu filho, que relatou-me: "Como forma de protesto, um grupo de nordestinos, entre os quais o Dr. Fabrício, houve por bem, entre 1860 e 1880, acrescentar ao originário de Portugal - "Carneiro (cristão novo)", no seu caso - um outro de origem indígena; escolheu, o genitor do Dr. Enjolras, "Tupinambá". Ocorre que, ao tempo dos

estudos do então acadêmico Fabrício, havia uma conspícua e respeitada personalidade francesa de sobrenome Vampré, como era conhecido, que estava sempre "sobraçando livros"; ganhou então, aquele, de seus colegas e amigos, epônimo idêntico, pois tinha ele o mesmo hábito do francês; surgiu, então, Fabrício Carneiro Tupinambá Vampré, registrado em cartório, cujo sobrenome passou a acompanhar seus descendentes.

Um deles é o nosso festejado Professor Doutor Enjolras Vampré, cuja trajetória brilhante teve início na Faculdade de Medicina da Bahia, pela qual formou-se em 1908; como "melhor da turma", mereceu a aposição de seu retrato, que lá permanece, no "Pantheon" da Faculdade, hoje "Memorial da Medicina", em que se consagrou o antigo prédio do "Terreiro de Jesus". Tal homenagem ao jovem médico toma excepcionais dimensões, quando foram seus colegas de turma Ovídio Pires de Campos, Celestino Bourroul e Zeferino do Amaral.

Interno que foi da "Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas", sua "Tese de doutoramento" versou sobre "Ligeiras considerações sobre perturbações nervosas e mentais da Peste Bubônica", aprovada com "distinção"; para o que deve ter concorrido sua experiência como "Interno do Hospital de Isolamento de Peste, de Mont-Serrat (1906-1908), e Chefe da "Comissão contra a Peste" em Alagoinhas (Bahia). Mesmo assoberbado de estudos, foi Membro ativo e Presidente da conceituada e tradicional "Sociedade de Beneficência Acadêmica".

Decorência de seu brilhante curso médico, foi a concessão de "Prêmio de viagem à Europa", que cumpriu em 1910, coroadando seu interesse pela Neurologia, ao freqüentar, em Paris, os Serviços de Babinski Dejerine, Bertrand e Guillain.

De volta a São Paulo, onde fizera seus "preparatórios" no Ginásio de Ciências e Letras, foi nomeado Médico-interno do Hospital de Alienados de Juqueri.

Iniciou-se no magistério médico paulistano em 1925, ao assumir a Cátedra de Neuro-Psiquiatria da Faculdade de Medicina, com a aposentadoria do saudoso Professor Franco da Rocha; já se esboçava a separação da tradicional parceria. E, com o desdobramento do respectivo departamento e a criação das disciplinas de Psiquiatria e Neurologia, lhe coube, "sob contrato", ministrar a

segunda; e é o Professor Carlos Lacaz quem conta: "em 1932, a Congregação, por decisão unânime, enviou aos poderes competentes longo e documentado memorial, propondo-o para a regência definitiva da cátedra, independentemente de concurso"; a tal benefício se recusou o mestre, insistindo em que aquele fosse realizado; sua vontade foi satisfeita em 1935, com "banca examinadora" constituída por Antônio Austregésilo, Aloysio de Castro, Alfredo Brito Filho, Pinheiro Cintra e Ovídio Pires de Campos; e, a vinte e quatro de dezembro, como "presente natalino" e referendo de excepcionais conhecimentos, recebeu a Cátedra de Neurologia da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Tornou-se ela sede da "Escola neurológica paulista", por Vampré criada, árvore frondosa de soberbos galhos, seus discípulos Adherbal Tolosa, Paulino Longo, Oswaldo Lange e Carlos Gama; este se iniciou como "voluntário de neuro-cirurgia", em 1930; depois, em 1933, com o apoio do Mestre, fez curso nos Estados Unidos; e, ao voltar, tornou-se chefe do setor da neuro-cirurgia, do Serviço de Neurologia, em que pese o entusiasmo do Catedrático pela "radioterapia", no tratamento dos tumores cerebrais.

Adherbal Tolosa e Paulino Longo foram dois excepcionais colaboradores, comuns presentes nos cerca de cento e cinquenta trabalhos e comunicações da "escola", sobre assuntos e matérias os mais diversos, neurológicos e afins. Tolosa dedicou-se principalmente à Semiótica Nervosa, criando os "reflexos espônulos", por percussão das apófises espinhosas; enquanto Paulino Longo estudou detalhadamente a "forma pseudo-polineurítica da doença de Charcot".

No entanto, há voz corrente de que o discípulo dileto de Enjolras Vampré foi Oswaldo Lange, de particular interesse para os propósitos deste livro, como precursor que também foi, ao secundar o mestre em seus trabalhos sobre "tratamento da ciática" e sobre "espondilose rizomélica". Sob tal qualidade, faz-se merecedor de um substancial registro, como o que aqui se insere.

Nasceu ele em São Paulo, a vinte e oito de agosto de 1903, falecendo na madrugada seguinte ao seu octagésimo terceiro aniversário, em 29 de agosto de 1986.

Esteve com o mestre desde o início de seu magistério médico, ain... na ...

Enjo Pr Neuro

Enjloras Vampré precursor da Reumatologia

Geraldo W. S. Gonçalves

trista Santa Casa; após a morte daquele, em dezessete de maio de 1938, com o seu sucessor Adherbal Tolosa, tornava-se o "enérgico e criativo" Chefe de Clínica; e, em 1945, transferiu-se para o Hospital das Clínicas, recém-inaugurado; continuou a dignificar seu mentor, ao perflustrar o ensino ainda pioneiro da Neurologia; preponderante foi seu papel, após 1952, na estruturação das disciplinas de "neuro-cirurgia" e de "neurologia infantil".

Em 1958, após concurso, foi nomeado "Professor Associado", passando a ser o "orientador informal", por decisão própria e "eleição" de quantos defenderam teses de "livre-docência" e de "doutoramento".

Oswaldo Lange pode ser considerado um dos maiores nomes da Neurologia no Brasil, pioneiro no estudo das "doenças infecciosas do sistema nervoso" e das pesquisas sobre "Líquido Céfalorraquidiano"; sua monografia sobre "liquor" abriu as portas de muitos ao seu conhecimento; e, ainda hoje, tenho comigo um exemplar de 1942, editado pela tradicional "Melhoramentos".

Também foi sua tarefa editar, por muitos anos, os "Arquivos de Neuropsiquiatria", fundado em 1943; e, a partir de 1948, assumiu o controle editorial da "Revista Paulista de Medicina", da Associação Paulista de Medicina.

Merecidamente, tornou-se "Imortal", como Membro Titular Fundador da Academia Brasileira de Neurologia. E, se não alcançou a cátedra, que a Reforma Universitária retirou de tantos, foi, no entanto, Mestre inigualável da especialidade que Enjloras Vampré implantou em São Paulo e em sua Faculdade de Medicina.

De ambos e demais membros de sua "Escola neurológica", recolhi algumas contribuições valiosas, pelas quais elegi seu Chefe como condutor do "movimento precursor" paulista, apontando para a "neuro-reumatologia", como as enquadrei.

Em abril de 1914, publicou trabalho sobre "Coréia Mortal", entidade bastante "decantada" pelos clássicos franceses e, entre nós, por Torres Homem. Um segundo registro merece menção especial, pela oportunidade de descrever, sucintamente, "reunião mensal" da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Academia de Medicina, realizada em primeiro de agosto de 1916, para homenagear nomes ilustres presen-

tes: Drs. Oliveira Fausto (Presidente), Enjloras Vampré, Zeferino do Amaral, Celestino Bourroul, Ovídio Pires Campos e Benedito Montenegro; tais mestres foram todos figuras notáveis da medicina paulista, com a curiosidade de, excepcionados o primeiro e o último, os demais foram "colegas de turma (1908)", da Faculdade de Medicina da Bahia. A "ordem do dia" esteve a cargo de Vampré, apresentando três casos de "Radiculite lombo-sacra" (Clínica do Dr. Walter Seng) e um de "Radiculite cervical" (Clínica do Dr. Tarcísio Leopoldo e Silva); ressaltou o orador ser o assunto, pela primeira vez, abordado naquela "sociedade", ouvido por ele de Dejerine, no serviço deste na "Salpêtrière"; faz, então, descrição detalhada da sintomatologia geral das radiculites; e seu diagnóstico diferencial a ser feito com as polineurites, mielites e compressões medulares; ressaltou-se que, aquilo que hoje pode parecer observação corriqueira, àquela época teria que merecer, principalmente de um Neurologista, minuciosas considerações sobre diagnósticos positivo e diferencial.

Foi de quatro de novembro de 1917, outra comunicação à mesma "sociedade" sobre Crurite radicular aguda; a década dos vinte é marcada por comunicações "menores", ou seja "menores" os registros delas que conseguí, tais como: "um caso de artropatia polineurítica", em parceria com Paulino Longo (São Paulo Médico, agosto de 1929); e, no mesmo ano, "as paralisias traumáticas do nervo crural"; e, já em 1930, "formas clínicas do câncer vertebral"; as duas últimas citadas por Peregrino Jr., em seu livro "Ciática" (RJ, 1936).

Mas, trabalho clássico e mais importante, foi aquele publicado pelo Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia (16.12.1929) e republicado em "São Paulo Médico" (março de 1930), objeto de apresentação à mesma entidade, assinado também por Oswaldo Lange: "Espondilose Rhizomélica ou Espondilolite anquilopoiética". Em que pese o "abandono" atual a ambas denominações, para dar lugar, primeiro a Espondilite Reumatóide e depois Espondilite Anquilosante - o nome atual -, os dois autores, além de referirem-se a aspectos históricos e epidemiológicos, demoraram-se em outras denominações e conceitos; e, à luz dos aspectos clínicos e radiológicos, aqueles são distinguidos apropriadamente; como, baseados em

sua casuística de quatro casos, vistos entre 1927 e 1929, dão idéia bem precisa da patologia estudada, por seu caráter inflamatório, em oposição a quadros clínicos e radiológicos, das verdadeiras "espondiloses", então ainda pouco definidas entre nós. No entanto, pareceu-nos de importância a intenção de Vampré e Lange de pôr, frente a frente, o pensamento da escola francesa, representada principalmente por Pierre Marie, Astié e Leri, com a escola alemã, de Fraenkel. Ora, a medicina francesa, como toda a sua cultura, tentava um exclusivismo bem nítido, fazendo com que "assuntos originais", ingleses e alemães, fossem difundidos através de traduções para sua língua, e "exportados" para "colônias culturais", como o Brasil. Peregrino Jr. incisivamente "denunciou" tal "colonialismo", na Academia Nacional de Medicina; ainda mais, quando outros campos buscavam liberação; haja visto a Pediatria, que através de Martinho da Rocha e outros, no Rio de Janeiro, saíam do clinicismo-terapêutico dos franceses para uma clínica, como indicavam os alemães, baseada na anátomo-patologia e na bioquímica.

Assim, nossos precursores paulistas, à frente Vampré, de formação alemã, desejaram resgatar o que esta tinha como própria. Mas, de maneira independente, afirmaram em seu trabalho, ora sucintamente por nós analisado, tratarem-se da mesma doença, os dois epônimos que o encimam; e, de outra parte, assinalaram preferir o termo "Espondilose Rhizomélica", por ser o mais conhecido e corrente, nos países de origem latina; e, no Brasil, já se haviam tornado clássicos os casos de Miguel Couto (1904) e Heitor Annes Dias (1920), sob aquela denominação.

Vampré e Lange insistiram, porém, em que estavam com Fraenkel, quando este afirma a impropriedade do uso do sufixo "ose", em vez de "ite", para uma entidade sabidamente inflamatória; e acentuaram, os dois, a também "verdade parcial" de "rhizomelia", vez que poderiam estar presentes "meso" ou "acromelia"; neste caso a forma "escandinava" de hoje.

À época, um melhor conhecimento das Paratireóides e seu papel no metabolismo do Cálcio, encaminhou alguns cirurgiões para a "paratireoidectomia", em cartas afeções reumáticas. Sobre a matéria, citou Vampré o russo Oppel, que publicou bons resultados, em tal cirurgia, para cuidar de "Espondilose

Rhizomélica", tendo em vista as calcificações ligamentares, na coluna, próprias desta patologia. No entanto, a "escola brasileira" registrou, à maneira de ingleses, tal uso para o, então chamado, "reumatismo crônico deformante", coincidindo com as atuais "artroses, periféricas e da coluna".

Em São Paulo, foi o eminente cirurgião Sebastião Hermeto Jr. (1910-1968), quem usou aquela "ablação", em casos de "reumatismo crônico"; e até estendendo-a ao tratamento da "Esclerodermia", tendo em conta a "calcinose subcutânea", nela verificada. Já Vampré, em discussão sobre um caso referido por Pinheiro Cintra, em sessão da futura Academia de Medicina de São Paulo, de quinze de outubro de 1924, esteve mais atento à natureza das dores nela observadas, se central ou periférica.

Este não é um livro biobibliográfico "senso strictum"; assim, procurou-se, no presente capítulo, apontar o papel precursor de Enjloras Vampré e sua Escola Neurológica, na medida em que feriu assuntos e, como o fez, demonstrando interesse e conhecimentos atualizados para a época, em contribuição valiosa para o que, mais tarde, viria a constituir objetos do "acervo" da Reumatologia. Se tal intento foi conseguido, ficará a critério de quem nos lêr.

Será de meridiana justiça somar, ao que já foi dito, outros aspectos da ação daquele mestre, agora nos referindo às suas atividades associativas, que as cumprimos até em funções de caráter permanente; e de modo a suscitar êncômos, visto sua atribulada vida de Professor e Médico Clínico de vultosa clientela de capital, como a que cultivou, graças às suas qualidades humanas, tão valorizadas então. Sócio Fundador da Associação Paulista de Medicina, foi seu Presidente em dois mandatos (1930 e 1935); já no primeiro, criou a Seção de Neurologia e Psiquiatria, que presidiu, de modo contínuo, por largos anos; foi também membro de frequência regular da então Sociedade de Medicina e Cirurgia, fundada em 1895 - próxima centenária -, tanto sido Presidente (1921-1922).

Honrarias recebeu de sociedades médicas, como Membro Honorário da Sociedade de Neuropsiquiatria do Rio de Janeiro e de suas congêneres de Buenos Ayres e de Paris, assim como da Associação Médica do Instituto Penido Barnier (Campinas-SP); a Associação Paulista de Medicina concedeu-lhe no ano de sua morte (1938) o Prêmio Honório Libero, por seu trabalho "Fisiopatologia do Bulbo Raquidiano"; e a Academia Nacional de Medicina, sempre avara em suas premiações, o elegeu, desde 1919, seu Membro Correspondente, para escolhê-lo, já falecido, em suprema homenagem, Patrono da Cadeira nº 49.

Bem afirmou o Professor Carlos da Silva Lacaz: "Vampré foi daqueles que continuarão a viver depois de mortos". Procurando honrar tal assertiva é que alinhabei "mal traçadas linhas", na esperança de, com elas, contribuir para uma imortalidade por demais merecida.

(*) Geraldo W. S. Gonçalves é presidente da Academia Cearense de Medicina e membro correspondente da Academia de Medicina de São Paulo.

CENTENÁRIO DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

Raul Marino Jr.

Conforme já noticiado anteriormente neste suplemento cultural: a 7 de março de 1895, fundava-se a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com espírito de Academia. Na ocasião foi aclamado o Dr. Luiz Pereira Barreto como o seu primeiro presidente. Sucederam-se na presidência outros expoentes da medicina deste estado, tais como Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador da Faculdade de Medicina, Diogo de Faria, Rubião Meira, Nicolau Moraes Barros, Celestino Bourroul, Adolpho Lindenbergh, Américo Brasiliense, Olympio Portugal, Zeferino do Amaral, A. C. Pacheco e Silva, Ovídio Pires de Campos, Jairo Ramos, Alípio Correia Neto, Benedito Montenegro, Carlos da Silva Lacaz, entre tantos outros, oitenta e quatro presidentes ao todo. Desde 1895 até 1937 foi a única tribuna e o foro dos problemas médicos de São Paulo, sendo ouvida pelos governos que se sucederam na Província e depois no Estado de São Paulo. Em 1930 surgiu a Associação Paulista de Medicina (APM), nossa co-irmã, e durante a presidência da Academia pelo Professor Alípio Correia Neto, em 1951, surgiu a ideia da Fundação da Associação Médica Brasileira (AMB) da qual foi também o primeiro presidente por longo mandato.

Em 1954, época em que se celebrou o IV Centenário da fundação de São Paulo e sob a presidência do Professor Eurico Branco Ribeiro, houve transformação da então Sociedade de Medicina e Cirurgia na atual ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO.

Este é o ano de nosso centenário. Completamos um século da existência

a 7 de março último. Nossos acadêmicos estão empenhados em restaurar neste estado a tradicional Medicina-Arte, nossa herança secular da verdadeira Medicina hipocrática, que é a arte de fazer o bem, que respeita a santidade da vida e o vínculo do paciente com a família, e em que o bem-estar humano é o objetivo principal de todo o esforço do médico, tentando abolir uma Medicina que só cuida do aspecto animal do homem, desprezando sua dimensão espiritual, numa função verdadeiramente humanística de uma instituição acadêmica.

Como comemoração desses 100 anos de existência a Academia resolveu promover um congresso inédito em nosso meio, abrangendo, pela primeira vez, assuntos de todas as especialidades, temas palpantes e de interesse tanto do acadêmico como dos profissionais em geral, e também do médico jovem e estudantes de medicina. As enfermeiras, nossa eternas colaboradoras, e os paramédicos, também não foram esquecidos.

MEDICINA PARA O SÉCULO XXI

Sob esse título, realizar-se-á, no auditório principal do Parque Anhembi, entre os dias 5 e 7 de julho próximo, conjuntamente com a EXPOSAÚDE 95, esta última a maior feira brasileira de exposição da mais moderna tecnologia científica, com participação de 15 países, o CONGRESSO DO CENTENÁRIO DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO.

Para esse congresso, foram convidados alguns dos melhores profissionais do país, tanto no campo da pesquisa como na área acadêmica e profissional, abordando temas palpantes da Medicina atual, e mesas redondas para a discussão da formação do médico e sua importante participação na melhoria das condições de saúde pública no Brasil.

Trata-se de um verdadeiro Congresso de Medicina para o século XXI! O programa científico estará voltado, pela primeira vez, para uma visão global da medicina, que muitas vezes nos falta como especialistas.

Em conjunto com a EXPOSAÚDE 95, que deverá contar com mais de 25.000 visitantes, com participantes de vários países, empenhados em divulgar a mais moderna tecnologia em equipamentos e instrumentação médica e a seu intercâmbio, estaremos frente a uma das reuniões médicas mais abrangentes e completas, realizadas neste país, onde estaremos em contato com os pesos-pesados de nossa medicina, que em julho próximo nos dedicarão três dias de suas concorridas agendas para transmitir aos colegas já experientes ou iniciantes as suas lições de vida. Será uma programação tecnocientífica, entremeadada por eventos sociais e de lazer muito agradáveis e atividades de confraternização, tais como a COPA ACADEMIA DE MEDICINA, que deverá entregar a taça de campeã para uma competição futebolística entre nossas 19 Faculdades de Medicina, cuja final deverá se realizar no Parque Antártica, ainda durante o Congresso.

Vida Cultural

Foi eleita para presidir a Academia de Medicina de São Paulo a médica cardiologista **Marisa Campos Moraes Amato**, no último dia do mês de maio. Com votação expressiva, é a segunda mulher a atingir o mais alto posto da centenária entidade.



Edmundo Maia, consagrado psiquiatra brasileiro, lançou o livro "A Psicologia e a Psiquiatria do Dia-a-Dia", editora Almed. Baseado em sua vasta experiência clínica, oferece ao leitor, em linguagem acessível, todo o mecanismo mental e comportamental do homem, propiciando, com isso, conhecimento das raízes dos conflitos, dos desajustes, enfim, dos problemas do dia-a-dia das pessoas de nossa época.



Celso Fernandes Batello, pela ed. Typus, publica "Homeopatia X Alopatria", em cujo conteúdo aborda as mais interessantes questões que envolvem a homeopatia e a alopatia. História, ciência, técnica e consciência marcam as páginas muito bem escritas. Celso Batello é médico homeopata, mas desde 1980 realiza trabalhos onde pretende mostrar que a medicina é uma só. Dedicou-se, também, à iridologia (estudo da íris) e hoje ocupa a presidência da Associação Médica Brasileira de Iridologia.



O médico, historiador, acadêmico, **Divaldo Gaspar de Freitas**, publicou o opúsculo "História de Medicina na Paulista". Paulista no sentido de Escola Paulista de Medicina, que há pouco passou a integrar a Universidade Federal de São Paulo. Essas páginas ficarão para todo o sempre como marco importante para o pesquisador que desejar aprofundar-se na história de tão conceituada faculdade. Exemplares da obra poderão ser encontrados na Biblioteca de História da Medicina Prof. Bernardes de Oliveira.



Celso Debes publicou o seu "Discurso de Recepção" na Academia Paulista de Letras, o qual foi pronunciado na tarde de 24 de novembro transato, por ocasião de sua posse. Obra acadêmica clássica, erudita, de invulgar valor.



Corrigindo: No último Suplemento Cultural (nº 97), pág. 3, no artigo "Dr. Orpheu Gilberto D'Agostini", de Duílio Crispim Farina, onde se lê Carlos Zindal, o correto é Carlos Zindel, e em vez de "exornavam duas faltas dominantes", leia-se "exornavam duas facetas dominantes".

G.A.P.

Será a seguinte a programação científica:

05/07/95 - Quarta-feira	08:00 - 10:00	vida - Sonhos, Ideais e perseverança Adib Jatene / Ivo Pitanguy / Lair Ribeiro / Carlos da Silva Lacaz
08:00 - 09:00 Início Cem anos de Academia Raul Marino Junior	Medicina, Economia e Saúde Pública no Brasil Adib Jatene / José da Silva Guedes / Antonio Delfim Neto / Antonio Ermírio de Moraes	10:15 - 11:15 Medicina Estética Hoje Ivo Pitanguy
09:00 - 10:00 Lançamento do Selo Comemorativo	10:15 - 11:15 Como escolhi a especialidade. A História do INCOR Fulvio Pillegli	11:15 - 12:00 Formação e Ensino Médico no Brasil - Distorções no Ensino Médico Ernesto Lima Gonçalves
10:15 - 11:15 A Aids e o médico - O que todo médico deve saber sobre a Aids, infecção e neoplasias oportunistas Vicente Amato Neto	11:15 - 12:00 Oncologia - Novas perspectivas Ricardo Brentani	13:30 - 15:00 Enfermagem no Brasil para o Século XXI - Garantindo uma qualidade assistencial ao paciente Maria D'Innocenzo / Tamara Cianciarullo / Sonia Della Torre Salzano / Sandra Honorato da Silva
11:15 - 12:00 O trauma como problema médico e social Dario Biorolini	13:00 - 15:00 Latrogenia ou Estocástica: O mal que o médico causa na tentativa de salvar Oswaldo Ramos / Carlos da Silva Lacaz / Marcel Cerqueira Machado / Milton de Arruda Martins	15:00 - 15:45 Obesidade - Perspectivas na Medicina Moderna Geraldo de Medeiros Neto
13:00 - 14:15 Como entender a Previdência e ter sucesso em medicina Aloisio Fernandes	15:00 - 15:45 Generalista x Especialista Conceito do médico de família Oswaldo Luiz Ramos	16:00 - 16:45 O sucesso não ocorre por acaso - É simples mas não é fácil. Lair Ribeiro
14:15 - 15:00 Saúde pública no Brasil: o grande problema médico José da Silva Guedes	16:00 - 16:45 Alcoolismo e Drogas Elisaldo Luis Carlini	16:45 - 17:30 Impacto da Informática na Educação médica Gyorgy Bohm
15:00 - 15:45 Medicina no esporte Nuno Cobra	16:45 - 17:30 Tecnologia e Medicina do Futuro Marcel Cerqueira C. Machado	Informações: 212-5436
16:00 - 16:45 Progressos de imagenologia Alvaro Magalhães	17:30 - 18:15 UTI - Qual o paciente em que vale a pena investir? Irineu Tadeu Velasco	
16:45 - 17:30 História compacta da medicina através dos tempos Carlos da Silva Lacaz	07/07/95 - Sexta-feira	
17:30 - 18:15 Transplantes e medicina atual Silvano Raia	08:00 - 10:00 Mensagem aos médicos jovens e aos que não envelheceram, O que fazer na	
06/07/95 - Quinta-feira		Raul Marino Jr - Professor Titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Presidente da Academia de Medicina de São Paulo